



CLASSE HOSPITALAR: REFLEXÕES ACERCA DA ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

Elen Saluana da Silva Buffo Montanari¹ - UFMS
Milene Bartolomei Silva² - UFMS

Eixo – Educação e Saúde
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

A educação se faz presente em vários espaços que cercam a vida do ser humano. A atuação do Pedagogo é possível em diversas áreas específicas, assim como no ambiente hospitalar, através das classes hospitalares. Existe um aparato legal em relação a atuação deste profissional no hospital, assim como legislações que materializam a inclusão das crianças e adolescentes na classe hospitalar, afim de contribuir para a continuação dos estudos por elas, mesmo fora da escola regular. O presente artigo é resultado de questionamentos levantados no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Desenvolvimento Humano e Inclusão (GEPEDHI) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sobre a atuação profissional do pedagogo no ambiente hospitalar, em específico na classe hospitalar. O objetivo deste estudo é apresentar alguns apontamentos, com base no levantamento bibliográfico, de como consiste a prática pedagógica do educador atuante na classe hospitalar. A pesquisa pauta-se no referencial teórico dos estudos de Bock (1999), Ceccim (1999), Fonseca (1999 e 2003), Saldanha (2013), Ortiz e Freitas (2001), Wallon (1968), além de fundamentar-se legalmente na de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), no

¹Mestranda em Saúde e Desenvolvimento da Região Centro-Oeste, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Psicóloga pela Universidade Católica Dom Bosco (2012), e acadêmica de Pedagogia na UFMS. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Desenvolvimento Humano e Inclusão (GEPEDHI) na UFMS. e-mail: elen.saluana@outlook.com

²Doutora em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro Oeste pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2005). Atua como professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Desenvolvimento Humano e Inclusão como líder na linha de Pesquisa Educação, Saúde e Práticas Educacionais. e-mail: milenebatsilva@gmail.com

Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), e no documento do Ministério da Educação Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações (2002). Um dos resultados obtidos foi que esta área de atuação do pedagogo na classe hospitalar ainda é muito pouco estudada e explorada no Brasil, apesar de possuir leis que materializam os direitos das crianças e dos adolescentes a estarem inseridos neste ambiente. Não existe ainda uma formação específica para o pedagogo hospitalar, apenas tímidas sugestões de atuação pontuadas no documento do Ministério da Educação de 2002. Teóricos pontuam a importância da escuta pedagógica e afetividade no processo de ensino aprendizagem, consideradas se fazer presente na atuação do Pedagogo no ambiente hospitalar.

Palavras-chave: Pedagogo Hospitalar. Classe Hospitalar. Ensino-Aprendizagem.

Introdução

Através da participação da linha de pesquisa “Educação, Saúde e práticas Educacionais” no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Desenvolvimento Humano e Inclusão (GEPEDHI) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em que atualmente nele é realizado estudos e discussões sobre a classe hospitalar e sobre os demais conhecimentos que norteiam este campo de atuação, surgiu um questionamento: Como se dá a atuação dos professores da classe hospitalar? Existe uma formação específica para eles?

A educação se faz presente não apenas no âmbito formal da escola, mas em vários espaços que cercam a vida do ser humano, mesmo estando atrelados conscientemente à escola. Precisamos lembrar que a educação, a aprendizagem também pode acontecer em outros contextos, como por exemplo, o hospital. A atuação do Pedagogo é possível em diversas áreas específicas, como na educação infantil, educação nos anos iniciais, educação de jovens e adultos, e no ambiente hospitalar através das classes hospitalares. Assim, discorreremos neste trabalho sobre esta temática, com base em levantamento bibliográfico e discussões ao longo da pesquisa que está sendo realizada junto ao Grupo de Estudo, em específico voltada para a atuação dos professores que atuam na classe hospitalar.

Em decorrência da necessidade de se atender crianças e adolescentes que precisam se afastar do âmbito escolar por algum motivo de doença e assim, ficar internados, surgiu esse campo de atuação do pedagogo que visa estabelecer os procedimentos necessários a essas crianças e adolescentes hospitalizados com o nome de Pedagogia Hospitalar ou Classe Hospitalar.

Para atuar no hospital, o professor é amparado legalmente em âmbito nacional, pelo documento intitulado Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações, criado pelo Ministério da Educação (MEC), em 2002, este material aponta algumas orientações sobre o perfil do educador neste espaço,

O professor que irá atuar em classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. Deverá, ainda, propor os procedimentos didático-pedagógicos e as práticas alternativas necessárias ao processo ensino-aprendizagem dos alunos, bem como ter disponibilidade para o trabalho em equipe e o assessoramento às escolas quanto à inclusão dos educandos que estiverem afastados do sistema educacional, seja no seu retorno, seja para o seu ingresso (BRASIL, 2002, p. 22).

Este documento pontua alguns procedimentos didáticos-pedagógicos relevantes na prática do Pedagogo hospitalar. Este profissional não atua de forma isolada no hospital, mas em conjunto com uma equipe multidisciplinar (médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, pediatra, psicólogo), o Pedagogo deve fazer parte da equipe de assistência ao educando, tanto para contribuir com os cuidados da saúde, quanto para aperfeiçoar o planejamento de ensino. A consulta ao prontuário e o registro de informações neste documento também pertence ao desenvolvimento das competências deste professor (BRASIL, 2002).

Neste documento do MEC (BRASIL, 2002), pontua que o professor hospitalar deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. Compete ao professor adequar e adaptar o ambiente às atividades e os materiais, planejar o dia-a-dia da turma, registrar e avaliar o trabalho pedagógico desenvolvido.

Diante deste campo de atuação do Pedagogo, que ainda é considerado novo e pouco conhecido e explorado no Brasil, tornou-se relevante conhecer e contribuir um pouco mais sobre a atuação do educador da classe hospitalar.

Desenvolvimento

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Desenvolvimento Humano e Inclusão (GEPEDHI) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com alunos do curso de Pedagogia. Essa pesquisa está sendo realizada em 2 (dois) hospitais público do município de Campo Grande-MS no setor da classe hospitalar desde 2016.

Inicialmente, foi feito um levantamento bibliográfico sobre esse tema, no qual todos os alunos puderam refletir, discutir tanto a criança como o Pedagogo da Classe Hospitalar. Em outro momento, a pesquisa está sendo realizada em lócus, juntamente com a orientação da professora coordenadora da pesquisa, alunos da Pedagogia e professores da classe hospitalar que são cedidos pela Secretaria Estadual de Educação (SED) do estado de Mato Grosso do Sul.

Um dos problemas da pesquisa é verificar como se dá a atuação dos professores da classe hospitalar e se existe uma formação específica para eles?

Embora a Classe Hospitalar, é considerado um campo pedagógico “novo”, não é nenhuma novidade para a cidade do Rio de Janeiro. O município é pioneiro e referência neste atendimento quando foi criada a primeira classe hospitalar, no Hospital Municipal Jesus, em Vila Isabel, no ano de 1960. Tal atendimento caracteriza-se na modalidade de Educação Especial por atender crianças e/ou adolescentes considerados com necessidades educativas especiais em decorrência de apresentarem dificuldades curriculares por condições de limitações específicas de saúde recuperando a criança num processo de inclusão oferecendo condições de aprendizagem (FONSECA, 1999).

No entanto, somente na década de 1990, foram criadas legislações específicas para nortear a Classe Hospitalar, como exemplo temos o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA,1990), em especial, o artigo 9º, em que se refere ao direito à educação: “direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programa de educação para a saúde” e a lei dos Direitos das Crianças e Adolescentes Hospitalizados, através da Resolução nº 41 de 13 de outubro de 1995. Essas leis visam proteger a infância e a juventude e são consideradas uma forma de materialização dos seus direitos na sociedade.

A classe hospitalar está inserida na Lei nº 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB,1996) como educação especial, no aspecto de educação inclusiva. A classe

hospitalar tem como propósito promover a continuidade dos estudos durante o período de internação. O professor da escola regular e professor da classe hospitalar estabelecem um vínculo para contribuir na atuação do pedagogo hospitalar com esta criança. O principal objetivo da Classe Hospitalar é atuar no combate ao fracasso escolar, comum às crianças e aos adolescentes que são submetidos a internações longas e/ou frequentes, impossibilitando de acompanhar o ano letivo da escola regular (SALDANHA; SIMÕES, 2013).

Segundo documento do MEC (2002), a classe hospitalar é denominada como

Atendimento pedagógico educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental. Atendimento pedagógico domiciliar é o atendimento educacional que ocorre em ambiente domiciliar, decorrente de problema de saúde que impossibilite o educando de frequentar escola ou esteja ele em casas de passagem, casas de apoio, orfanatos e/ou outras estruturas de apoio da sociedade (BRASIL, 2002, p. 13).

Esses atendimentos especiais têm como principais finalidades orientações que permitam que a criança ou adolescentes inicie ou dê sequência aos seus estudos, como maneira de manter seus laços com a escola, mediante um currículo diferenciado às possibilidades e necessidades de cada criança, jovem ou adulto que se encontre impedido de frequentar o ensino regular por causa da enfermidade que lhes acometeu (BRASIL, 2002).

Sob essa ótica da Educação Especial, as classes hospitalares e o atendimento pedagógico domiciliar não poderiam seguir os padrões do ensino regular, isso porque, a situação vivenciada pela criança enferma exige uma forma de trabalho diferenciada (BRASIL, 2002).

Portanto, em relação a prática pedagógica hospitalar, Fonseca (2003) pontua que a prática diária do Pedagogo Hospitalar visa dar continuidade aos estudos as crianças hospitalizadas, de forma a contribuir com a aprendizagem, minimizar as dificuldades e proporcionar a aquisição de novos conteúdos. É importante o desenvolvimento de programas lúdicos voltados a infância, programas sociointerativos, vinculando-se aos sistemas educacionais na modalidade de atenção integral a criança hospitalizada.

A classe hospitalar oferece à criança a vivência escolar, porém em outro ambiente. O professor, neste caso, precisa ter um planejamento estruturado e flexível. O ambiente da

classe hospitalar deve ser acolhedor, um espaço pedagógico alegre e aconchegante fazendo com que a criança ou adolescente se desvincule temporariamente das restrições que o hospital impõe. O comprometimento da saúde não impede o desenvolvimento e a aprendizagem do indivíduo, inclusive se faz necessário desmistificar a ideia de que saúde é a ausência de doença, sendo que saúde vai muito além, é um conjunto de práticas envolvidas que proporcionam uma melhor qualidade de vida (ORTIZ; FREITAS, 2001).

Segundo Ceccim (1999) o acompanhamento pedagógico hospitalar favorece uma construção subjetiva da criança em desenvolvimento, diante dos laços de aprendizagens ali presente (relações com os colegas e relações de aprendizagens mediadas pelo professor), além de contribuir para a reinserção à escola após a alta. Este autor realiza algumas críticas ao trabalho lúdico dentro do hospital, pontua que o trabalho pedagógico realizado dentro do hospital deve apoiar-se no atendimento pedagógico educacional, com propostas escolares e não em propostas de educação lúdica, recreativa ou de ensino para a saúde, como são encontrados com facilidade nas salas de recreação, das brinquedotecas e dos movimentos de humanização hospitalar.

Temos enfrentado muitas vezes, salas de recreação e brinquedotecas hospitalares cheia de voluntários, de professores que passam o tempo todo desenhando, pintando atividades de datas comemorativas, sem ao menos discutir conteúdos curriculares das escolas regulares. Por essa razão, esse trabalho diferenciado dentro das classes hospitalares, deve ser desenvolvido em conjunto com as unidades escolares, com os sistemas de educação sejam federais, estaduais e municipais e com as direções dos estabelecimentos e dos serviços de saúde em que a criança esteja hospitalizado ou vinculado (BRASIL, 2002).

Na literatura específica sobre o atendimento pedagógico-educacional hospitalar não é vasta, mas aponta que o papel fundamental do professor hospitalar é atuar no desenvolvimento, aprendizagem e ao resgate da saúde daquela criança hospitalizada. Não se deve apenas ocupar criativamente o tempo dela, para que ela possa expressar e elaborar os seus sentimentos trazidos pelo adoecimento e pela hospitalização, assim como não é apenas abrir espaços lúdicos com ênfase no lazer pedagógico para que a criança esqueça por alguns momentos que está doente ou em um hospital. O professor deve atentar-se de permanecer dentro do hospital para operar com os processos afetivos de construção da aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares às crianças. O contato com o professor e com uma escola no hospital (classe hospitalar) funciona de modo importante, como uma oportunidade

de ligação com os padrões da vida cotidiana do comum das crianças, como ligação com a vida em casa e na escola. A educação no hospital integraliza o atendimento pediátrico pelo reconhecimento e pelo respeito às necessidades intelectuais e sócio-interativas que tornam peculiar o desenvolvimento da criança (CECCIM, 1999).

Ceccim (1999) ressalta a expressão “escuta pedagógica atenta e sensível” que deve ser praticada pelo educador hospitalar, em que a escuta se diferencia da palavra audição. Esta se refere aos órgãos do sentido, captação de sons, a primeira se refere a captação das sensações do outro realizando a integração ouvir-ver-sentir. Refere-se a uma sensibilidade aos processos psíquicos e cognitivos expressados pelo outro. Nesse sentido, o termo “escuta pedagógica” sugere que a prática dos professores que atuam nas classes hospitalares, que deve estar baseada numa atenção integral à vida. Operando com os processos afetivos, de diálogos e de escuta, e não somente em atividades escolares ou lúdicas.

Além da prática da escuta pedagógica, as contribuições de Wallon (1968) nos mostram que a afetividade no processo-ensino aprendizagem é um recurso fundamental do professor, sua compreensão do papel da afetividade neste processo é considerada um elemento importante para a sua eficácia. O aluno precisa sentir vontade de aprender, e o professor é quem pode despertar essa vontade no aluno, a afetividade na educação constitui um importante campo de conhecimento que deve ser explorado pelos educadores, uma vez que, por meio dela compreende-se a razão do comportamento humano, pois, a afetividade é uma grande aliada da aprendizagem.

A afetividade se faz presente nas relações interpessoais, Bock (1999) nos traz alguns conceitos sobre estas relações:

A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender e aprender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar no mundo a nossa vida. Veja bem, Vygotsky defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsível dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa ou recebemos influência externa (BOCK, 1999, p. 124).

Desta forma, é extremamente importante acontecer uma troca de conhecimentos entre professor aluno, aprendizagem sendo considerado um processo que se dá de fora para dentro. A afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir de situações, tal estado é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Faz-se presente em sentimentos,

desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todas as esferas de nossa vida (BOCK, 1999).

Wallon (1968, p. 68) traz a “dimensão afetiva como ponto extremamente importante em sua teoria psicogenética, apresenta a distinção entre afetividade e emoção”. Diretamente ligada a emoção, a afetividade consegue determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e também a forma com que se manifestam dentro dele. Todos os fatos e acontecimentos que houve na vida de uma pessoa traz recordações e experiências por toda sua história, dessa forma, a presença de afeto determina a forma com que o indivíduo se desenvolverá (Wallon, 1968).

Portanto, o trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar proporciona a garantia da continuidade do processo de aprendizagem, de forma mais afetiva, fazendo com que as crianças ao retornarem à escola não venham a se sentir em defasagem em relação aos seus colegas e que não percam o vínculo com a escola e seu cotidiano.

Considerações Finais

Vimos que a educação é um direito de todos e que se encontra amparada por nossa legislação, mesmo aqueles que por algum motivo estão afastados do ambiente escolar. Pensando sobre essa questão, as crianças e adolescentes hospitalizadas, não poderiam ser privadas desse bem tão precioso, pois caso contrário, seria como negar-lhes a continuidade de seu próprio desenvolvimento.

De acordo com o estudo realizado podemos observar que esta área de atuação do Pedagogo em classe hospitalar ainda é nova e pouco explorada no Brasil. Porém existem leis, resoluções que materializam os direitos das crianças e dos adolescentes em participarem das Classes Hospitalares sem perderem o vínculo escolar. É extremamente importante o apoio familiar na inclusão da criança na Classe Hospitalar e apoio na atuação deste profissional, que está ali para proporcionar a continuidade de seus estudos.

Não existe ainda uma formação específica para atuação deste profissional, apenas algumas sugestões tímidas sobre a atuação do Pedagogo Hospitalar, propostas no Manual da Classe Hospitalar do MEC de 2002.

Foram encontradas na literatura, sugestões para um trabalho pedagógico hospitalar, como a escuta pedagógica e utilização da afetividade nas relações de ensino-aprendizagem. A afetividade só é estimulada através da vivência, na qual o educador estabelece um vínculo de afeto com o educando. A criança precisa de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem, principalmente em um ambiente em que ela está cercada de elementos, que muitas vezes causam uma fragilidade afetiva, o medo, insegurança, saudade de casa e da família. O afeto pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do educando, e a ludicidade em parceria, desde que não seja utilizada apenas como passa tempo.

Frente as inúmeras dificuldades da Classe Hospitalar, a atuação pedagógica, sua prática é um ganho para a sociedade, porém ainda necessita de maior reconhecimento tanto pelos que necessitam de atendimento como para a formação dos pedagogos, investimento em infraestrutura e materiais pedagógicos nos ambientes hospitalares.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia Bock (org). **Psicologia: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 13ªed. 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília, DF: Ed. MEC/SEESP, 2002. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000423.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2017.

_____. Presidência da República. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Retificado em 27 set. 1990. Não paginado. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 25 maio 2017.

_____. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução n° 41 de Outubro de 1995 (DOU 17/19/95)**.

_____. LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 11. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. – (Série legislação; n. 159). Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/proen/ldb_11ed.pdf> Acesso em 24 maio 2017.

CECCIM, Ricardo Bug. Classe hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Revista Pedagógica Pátio**, n.10, p.41-44, ago./out., 1999. Disponível em: <http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/84/classehospitalarceccimpatio.pdf> Acesso em 27 maio 2017.

FONSECA, Eneida Simões. **Atendimento no Ambiente Hospitalar**. 1. ed. São Paulo: Memnom, 2003.

FONSECA, E. S. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n1/v25n1a09.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2017.

SALDANHA, G. M.; SIMÕES, R. R. Educação escolar hospitalar: o que mostram as pesquisas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 19, n. 3, p. 447-464, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v19n3/10.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2017.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles. FREITAS, Soraia Napoleão. Classe hospitalar: um olhar sobre sua práxis educacional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 82, n. 2000/2002, p. 70-77, jan./dez. 2001.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.